

POSADSKAYA FALA DAS MULHERES NA RÚSSIA*

MAXINE MOLYNEUX

Anastasya Posadskaya teve participação fundamental em várias iniciativas do emergente movimento feminista na URSS. Foi fundadora do grupo LOTOS (sigla de libertação de estereótipos sociais) cujos membros fizeram campanha entre outras coisas contra a redomesticação das mulheres e a favor de uma maior consciencia das desigualdades entre os generos na sociedade sovietica.

Em 1989 ajudou a estabelecer o primeiro Centro de Estudos de Gênero na URSS, com base no Instituto de Problemas Sociais e Económicos da População de Moscú. Naquele ano, ela escreveu, com duas outras mulheres do Centro Natalya Zakharova e Natalya Rimachevskaya, uma análise critica feminista da subordinação das mulheres na URSS. Após a publicação desse trabalho no jornal do partido *Kommunist*, ela e as co autoras foram convidadas a apresentar um documento de tomada de posição para a política sobre as mulheres no Congresso dos Deputados do Povo, o equivalente executivo do antigo Soviete Supremo. Elas foram depois convidadas a dar consultoria no comité responsável pela formulação da política para as mulheres, o Comité de Proteção da Maternidade, Infância e Família. Anastasya Posadskaya acaba de ser nomeada Diretora do Centro de Estudos de Gênero.

Maxine Molyneux: O socialismo sempre foi identificado com a ideia de libertação das mulheres e muitas feministas socialistas e liberais se inspiraram em elementos da teoria marxista mesmo criticando seu reducionismo de classe. O colapso do modelo sovietico deixou tres coisas claras: primeiro, que se pode dizer que não existe mais nenhuma alternativa socialista ao capitalismo; segundo, que a imensa maioria das pessoas no Oriente e no

A tradução desta entrevista foi gentilmente autorizada pela entrevistadora, Maxine Molyneux, e pela *Feminist Review*, que fez a publicação original: An Interview with Anastasya Posadskaya, Londres, inverno de 1991, nº 39.

Ocidente rejeita o que concebe como socialismo e terceiro que a maioria das mulheres que viveram sob o governo do Partido Comunista achava que os ganhos em igualdade formal e pleno emprego eram superados pelas severas tensões da vida sob um sistema que não funcionava. A essa luz, que diria você como feminista aos que afirmam que o socialismo fracassou sobretudo em relação às mulheres?

Anastasya Posadskaya Há muitas visões diferentes a respeito de dependendo de sermos nós do Ocidente ou dos chamados países socialistas. A visão ocidental tende a ser de que há três tipos diferentes de socialismo e que o que experimentamos ou não era socialismo ou era uma forma distorcida. No Ocidente, socialismo geralmente significa valores socialistas, bons valores, uma alternativa ao capitalismo. Mas para as pessoas de meu país, o que tivemos era socialismo existente. Elas não pensariam como não foi socialismo de fato, então vamos ter agora a coisa autêntica. Ao contrário, seria mais provável que dissessem: tivemos socialismo e estamos fartas dele, queremos uma coisa diferente.

E difícil para as feministas do Ocidente e do Oriente se entenderem umas às outras neste ponto. Somos muitas vezes muito atraídas umas para as outras pessoalmente, mas muito decepcionadas politicamente. Nesses termos, precisamos de muito tempo para elaborar algum tipo de entendimento sobre isso.

MM Acha que o projeto socialista de emancipação das mulheres foi mal concebido?

AP Um dos problemas é que a solução da chamada questão das mulheres sob o socialismo jamais se deu de fato. A ideia era de que a emancipação das mulheres se daria através da incorporação em massa delas na produção social e da socialização do trabalho doméstico, enquanto o Partido atuaria na mudança das atitudes das pessoas. Mas alguns desses objetivos não se traduziram em política. Assim, poderemos nos dizer que essas ideias eram erradas? Primeiro que tudo, a implementação prática de uma alternativa socialista nas circunstâncias concretas da Rússia fracassou, e isso levou ao fracasso de outros aspectos da tentativa de produzir a transformação geral da sociedade. So agora podemos realmente colocar e resolver essa questão da emancipação das mulheres (que também se refere aos homens). Precisamos de mais informação do que tivemos até agora. As estatísticas sobre o lugar das mulheres na sociedade ocultavam mais do que revelavam. Agora podemos usar livremente os resultados de nossas pesquisas sociológicas quando antes os dados eram restritos e não divulgados, e portanto é hora de reabrir a questão das mulheres e provavelmente voltar a abrir também a questão socialista.

O perigo agora porém é que não podemos usar a velha linguagem porque ela foi desacreditada pelo uso hipócrita. Não mais se podem usar conceitos maravilhosos como igualdade, emancipação, solidariedade. Foram usados para descrever uma realidade que era exatamente o seu oposto.

Sempre nos disseram: Vocês têm igualdade, vocês têm emancipação. Solidariedade foi durante anos a palavra favorita de nosso Partido. Agora essa linguagem está desacreditada, está associada a uma determinada estrutura partidária. Mas que linguagem vamos usar? Temos uma verdadeira crise de linguagem e isso afeta nossa capacidade de comunicar nos.

Assim, não se trata, na verdade, de um fracasso do socialismo, se socialismo significa uma sociedade socialmente justa, porque a nossa jamais foi uma sociedade justa. Nossos democratas progressistas dizem que devemos nos livrar dos rótulos, nos livrar desses nomes: capitalismo, socialismo, porque ninguém sabe o que significam esses termos. Acho que isso faz sentido, porque passamos sete décadas jogando com rótulos e ignorando os problemas reais.

MM Voltando a história dos países com socialismo existente em relação às mulheres, embora tenha havido um compromisso formal com a emancipação delas, com igualdade legal formal e entrada na educação e no emprego, isso sempre foi acompanhado de consideráveis desigualdades entre os sexos. Também se poderia dizer que as deficiências da economia centralizada recaíram maciçamente sobre as próprias mulheres, de várias formas: mas condições de trabalho, escassez e filas, por exemplo. Como resumiria você os efeitos desse tipo de sistema sobre as mulheres, e claro, sobre a família, onde as mulheres têm um papel particularmente importante?

AP Você tem razão ao dizer que esse compromisso com a igualdade sempre existiu. Mas foi absolutamente formal e absolutamente instrumental, não foi um compromisso em favor das mulheres como tal, mas buscado apenas para atingir outras metas, econômicas ou demográficas. Tínhamos uma das mais altas taxas de participação das mulheres na produção, 82%, e isso sempre foi usado para demonstrar as Grandes Realizações em relação às mulheres. Mas que significava essa cifra? Muito pouco. Houve, sem dúvida, algumas mulheres soviéticas destacadas e algumas heroínas, que com suas maravilhosas realizações mostraram que as mulheres podiam alcançar qualquer coisa que quisessem. Mas por trás dessas heroínas estava a maioria das mulheres, com perspectivas de vida bastante tucanhas e vidas difíceis.

Assim, esse compromisso formal foi desacreditado, e junto com ele algumas coisas boas. A representação das mulheres no Parlamento, por exemplo, era anteriormente garantida sob um sistema de quotas que atribuía 33,3% das cadeiras às mulheres. Na verdade, o Estado se interessava mais em ter mulheres obedientes no Parlamento do que mulheres representando os interesses das mulheres. Essas mulheres eram vistas como pessoas que levavam a mão de vez em quando, de modo que, como resultado, a ideia de mulheres no poder ou em órgãos eleitos, ou na verdade qualquer mulher em posição de poder, está hoje desacreditada.

MM A história cria dificuldades especiais para os movimentos feministas, mas tem havido alguns fatos positivos. Você própria, junto com outros membros de seu novo Centro de Estudos de Gênero, atuou como consultora do comitê do governo que formula a política para as mulheres, e deu com

outras um grande passo no lançamento da NEZHDI a Iniciativa das Mulheres Democráticas Independentes. Como se deu isso?

AP Queríamos ir além da pressão exercida de cima. Embora isso seja importante, não podíamos depender realmente do compromisso da liderança com as questões das mulheres. Muito mais interessante e importante para nós era o surgimento do que chamamos de grupos informais de mulheres. Assim, na primavera de 1990 começamos a fazer um seminário em nosso novo Centro de Estudos de Gênero sob o título amplo de Mulheres, Política e Políticas. Queríamos alguma discussão de nosso documento de tomada de posição enquanto ainda estava em processo de ser escrito, para possibilitar as pessoas de fora do meio acadêmico envolver-se desde o início. Começamos a nos reunir todo mês e acabamos em julho, tendo um núcleo de mulheres que representavam os grupos informais de mulheres. Assim, pensamos não vamos transformar o Centro numa espécie de patrono acadêmico que patrocina o seminário, convida participantes e sugere um tema para discussão. Decidimos criar nossa própria política e programa como um grupo de mulheres.

Outro motivo para fundar a associação era que não queríamos repetir os erros do movimento *formal* de mulheres organizado pelo Comitê de Mulheres Soviéticas e atualmente bastante ativo. Elas mudaram o nome para o mais neutro União das Mulheres (sem socialista, sem soviético). E muito semelhante ao que aconteceu na Tcheco-Eslováquia. Nós as criticamos em nosso documento de tomada de posição porque elas não foram eleitas por ninguém, não representam ninguém. Portanto, agora queremos realizar eleições. Contudo, elas ainda são organizadas pelo Estado. Elas realmente deviam ter independência para poderem formular políticas, divulgá-las a outras pessoas. Deviam reconhecer que só representam a si mesmas e não a todas as mulheres soviéticas.

MM Você seria a favor do fechamento da União das Mulheres?

AP O movimento formal das mulheres existe, que exista, se ajudar ao menos a uma mulher, então ótimo. Há a questão de quanto nos custa, o que é bastante, porque tem dinheiro do Partido, um prédio magnífico no centro de Moscou e uma equipe de cerca de cem pessoas. Elas têm recursos, podem convidar mulheres estrangeiras e viajar ao exterior, que o Estado paga. Mas por que as mulheres deveriam se organizar desse jeito? Uma das frases em nosso manifesto da NEZHDI de que eu gosto muito é que *temos sido organizadas por outros e por tempo demais, por que não podemos nos organizar nos mesmas?*

MM Vocês decidiram não chamar sua organização de feminista. Por que?

AP Há motivos para isso. Um é que feminismo parece socialismo, mais um rótulo. É visto como uma tendência burguesa e caricaturado como egoísta e idiota. Acha-se que as feministas são mulheres terrivelmente gastas e horrendas, parecendo homens que fazem manifestações nas ruas e odeiam

os homens. A maioria das mulheres da associação e que vão entrar não sabe o que é feminismo, a não ser esse estereótipo. Podem ser feministas à nossa maneira soviética particular. Mas não se chamam de feministas e seria difícil atrair-las com esse nome. Queremos que nossa organização seja aberta, não o tipo de organizações ditas abertas que foram impostas de cima e nas quais ninguém se achava realmente envolvido ou empenhado e tudo era planejado de cima. É por isso que no título a palavra-chave é independente, o que significa independente de controle do partido ou organizado pelo Estado. A palavra democrático também tem um significado especial, quer dizer ao mesmo tempo anti-partido e pro-público. E em russo a sigla da associação NEZHDI significa não espere.

MM O manifesto da NEZHDI não levanta as questões dos direitos de reprodução nem da sexualidade, mas o grupo LOTOS tem defendido a necessidade de levar essas questões ao debate público.

AP E também deixamos de fora as questões relativas às condições de maternidade e parto. As condições nos hospitais são terríveis em termos de falta de anestésicos e remédios, roupa suja e coisas assim. Devia ser um ponto de interesse e me pergunto por que não surgiu em nossa discussão de seis horas sobre o manifesto na conferência e por que, como uma pessoa muito envolvida na elaboração do manifesto, não o inclui. Talvez fosse porque já tínhamos incluído essas questões em nosso documento de tomada de posição para o governo. O nome daquele comitê do governo fala das mulheres em termos de Maternidade e Infância e exigia que falássemos sobre essas questões. Mas de minha parte, sempre resisto a amarrar as mulheres à maternidade e criança. Embora as mulheres sejam, claro, o objeto central dessas questões, estas devem ser vistas como preocupações sociais, questões de política do Estado e também dos homens. Quando escrevemos esse manifesto, eu simplesmente não quis tocar nesses problemas porque estava farta deles. Ao mesmo tempo, agora acho que errei. São as mulheres que vão ter de protestar sobre essas coisas porque os homens vão continuar calados.

MM A sexualidade é claramente uma área problemática para as pessoas na União Soviética, primeiro que tudo por causa do moralismo puritano oficialmente imposto e segundo por causa dos aspectos práticos da organização da própria vida sexual, sem, entre outras coisas, uma anticoncepção adequada. Você achou que essas questões eram difíceis de articular em termos políticos atualmente?

AP E a sexualidade é difícil. Não há interesse publicamente articulado sobre isso pelos homens ou pelas próprias mulheres. Sabemos que a chamada sexualidade normal e a família heterossexual não existem sem problemas para a maioria das pessoas. Muita gente sofre por ser diferente dessa norma, mas ainda não há discussão sobre isso. Surgiram alguns grupos. Houve uma manifestação gay em Moscou e existe um grupo em nossa associação chamado Safo e, embora haja muitas lésbicas nesse grupo, elas

não tornaram a sexualidade uma questão política. Na verdade, havia várias mulheres desse grupo em nossa assembleia de fundação e elas aprovaram o manifesto mas não levantaram essas questões.

MM Como se sentem as feministas soviéticas em relação ao atual fascínio pela pornografia na Europa Oriental e na União Soviética?

AP Eu não sou representativa da opinião atual. Tivemos uma grande discussão no grupo LOTOS sobre a atitude a tomar em relação a pornografia e a objetificação da mulher nos anúncios e concursos de beleza. Terminou com minhas lágrimas e raiva das outras mulheres: fiquei sem argumentos e absolutamente em minoria. Mas para mim, controle pelo Estado ou censura pelo Estado são no momento uma ameaça maior. Acho que não devíamos permitir que o Estado se envolva nessa questão. Pornografia é como sarampo: as pessoas devem desenvolver sua própria imunidade a esse tipo de coisa; não devem depender do remédio do Estado.

MM Que tal passar inevitavelmente talvez da pornografia para a masculinidade? Tatanya Tolstaya (romancista) afirmou que as mulheres russas não precisam de igualdade com os homens. Ela diz que são as mulheres e não os homens que têm o verdadeiro poder na sociedade russa. Os homens foram batidos pela guerra e a repressão; agora morrem mais jovens, bebem até morrer; as mulheres foram poupadas pela força de sua ligação com o lar. Qual é sua reação a essa opinião?

AP Na verdade, não posso discordar disso, porque não sabemos o bastante sobre nossas mulheres e homens. Os métodos que nossos sociólogos usam — essas grandes pesquisas quantitativas — não revelam a vida interior da família. Não estou em posição de comentar essa ideia de matriarcado na vida familiar e patriarcado na vida pública. Há dois anos, quando escrevi um manifesto para nosso grupo LOTOS, afirmei que matriarcado na vida familiar e patriarcado na vida pública eram mais um problema que o socialismo tinha de superar. Agora, dois anos depois, não sei se isso é verdade; acho que devia ser mais estudado. Na verdade, as relações de gênero foram muito deformadas pela sociedade que tivemos e as pessoas tinham estratégias bastante incomuns para atingir suas metas: por exemplo, algumas mulheres usavam o casamento como meio de ter um apartamento ou um filho. Assim que conseguiam isso simplesmente se livravam do homem. Isso é matriarcado ou patriarcado — uma consequência do fato de que os homens têm mais independência em termos econômicos? Enquanto ele pode comprar um apartamento confortável, ela jamais pode. É muito complicado. Qual é a estratégia dos homens? Criar uma maravilhosa família igualitária, tendo a comunicação e a cooperação como principais valores entre os membros de uma família, ou ter auxiliares não pagos para seus outros interesses públicos ou produtivos? De quem é esse poder? Eu deixaria a questão em aberto porque não sei a resposta. Planejamos fazer pesquisas sobre essas questões em nosso Centro.

MM A luz disso as feministas na URSS vem os homens ou um certo tipo de homens como possíveis aliados em sua luta?

AP Eu achava que os homens deviam ser nossos aliados porque também são oprimidos na família. Escrevi um artigo intitulado *Lágrimas invisíveis* sobre as lágrimas dos homens que falava do fato de que os homens não podem realizar-se pessoalmente sobretudo na família. Pensei que os homens iam entender isso e haveria imediatamente um movimento de libertação masculina. *Noticias de Moscou* citou uma frase minha dizendo isso e fui rotulada de defensora do movimento de libertação masculina. Mas ainda não vi esses homens. Talvez apareçam quem sabe? Um grande grupo que apoiaria a ideia de dar a mulheres e homens as mesmas oportunidades na sociedade são os pais (homens) de crianças após o divórcio. Atualmente eles sofrem discriminação para ver os filhos. Outro grupo é dos homens em profissões não tradicionais os que gostariam de ser professores ou assistentes de saúde ou de trabalhar em jardins de infância e escolas maternas. Acabei de saber que os gays tem sido de vez em quando aliados das feministas ocidentais mas nós não temos contatos desse tipo.

MM Existe algum perigo concreto de surgir na União Soviética uma reação neoconservadora que se alimente das ansiedades sobre a decomposição social e fortaleça as correntes em favor da redomesticação das mulheres?

AP Sim, claro, acho que poderia acontecer uma coisa assim na URSS. Ela tem sido uma sociedade achatada sob um enorme peso, foi simplesmente aplastada como um chapa. Esse peso está sendo levantado agora e a forma da sociedade está mudando, tornando-se mais redonda, mais transparente. Agora vai haver um pouco de tudo nessa sociedade.

Mas com relação ao retorno à família, somos contra as mulheres não terem escolha nessa questão, mas não somos contra a família como instituição. Nossas opiniões provavelmente diferem das das feministas ocidentais que encaram a família como uma coisa que amarrrou e alienou as mulheres da vida real. Em nosso país, todas as instituições foram de fato destruídas pelo Estado, incluindo a família em muitos aspectos. O domínio da vida privada ou pessoal era visto com suspeita, algumas músicas chegaram a ser proibidas durante a Segunda Guerra Mundial, com base em que o amor desviava o soldado do grande futuro comunista. Logo no início havia apenas a ideia da unidade de uma sociedade socialista em luta contra o imperialismo. A esfera privada foi tão perseguida que hoje vemos que novas forças políticas jogam com isso. O mesmo se dá na Polónia e muito fortemente nas repúblicas bálticas. Nosso pessoal progressista, nossos democratas, todos dizem que a família foi destruída pelo Estado, que as mulheres perderam sua feminilidade natural e ficaram masculinizadas, por isso se vê como algo progressista recriar a família que o Estado destruiu. Isso complica a posição das feministas. O que quero sempre dizer aqui é que não somos absolutamente contra a família, mas que não se deve usar hipocritamente a necessidade de todo mundo de ter

uma vida privada para dividir os sexos. É muito perigoso em nosso país ser contra a família porque a gente é imediatamente condenada como pro estado ou pro partido.

MM O problema vai ser como impedir mudanças políticas que restrinjam efetivamente as opções das mulheres. Vocês apoiaram a ideia de um sistema de quotas para garantir a representação das mulheres nos novos órgãos de governo. Há algum perigo de que essa ideia seja rejeitada como ideia velha?

AP As coisas estão mudando e essa questão é muito debatida atualmente. Em nosso documento de tomada de posição, nós sugerimos um novo tipo de sistema de quotas: um sistema que não fosse formalizado ou imposto de cima, porque isso não daria certo, mas que fosse adotado voluntariamente após discussão dentro do órgão determinado. A quota também deveria ser competitiva, o que significa que só deveria haver tratamento preferencial para as mulheres na base de iguais capacidade e proporcionalidade.

MM Você acha que as repúblicas concordariam com um sistema de quotas mesmo que o governo central concordasse?

AP A maioria das repúblicas rejeitaria a ideia. Se o governo central tem um sistema de quotas, elas iriam querer fazer o contrário. Minha preocupação é que entendamos as diretrizes políticas como um processo criativo. Não deve haver uma receita única para todas as repúblicas. Todas as repúblicas, incluindo a Rússia, rejeitaram a ideia de união porque envolvia uma espécie de comuna primitiva em que o todo suprimia as partes. A política deve ser criativa, diferente e não derivativa do centro.

MM Como a NEZHDÍ vê seu próprio papel em relação às mulheres do Cáucaso e da Ásia Central?

AP Esse é um problema importante. Devemos simplesmente dizer: deixa elas pra lá, deixa que enfrentem seus próprios problemas? Devemos deixá-las sem nenhum contato e sem nenhuma arena ou plataforma para debate? O mesmo problema surge em relação às mulheres das repúblicas bálticas que enfrentam tendências de volta para o lar. Acho que nós, mulheres, devemos nos apoiar umas às outras, devemos criar, por meio de conferências, do trabalho em sistema de redes, uma atmosfera comum de discussão para compartilhar ideias e problemas, mas não impor a todo mundo as mesmas opiniões.

MM Num contexto em que a questão nacional se tornou tão dominante nas repúblicas e em que a forma particular de nacionalismo é tão antitética a ideias feministas, que esperança existe de surgimento de um forte movimento de mulheres?

AP Agora chegamos à questão do que é uma perspectiva feminista e se pode surgir nas repúblicas. Primeiro eu diria que estamos falando de

começar um dialogo talvez inicialmente restrito Tenho certeza de que isso ja começou e ha mulheres em toda parte de nosso imenso pais que precisam e querem isso Ja conhecemos mulheres da Asia Central das republicas balticas da republica autonoma tartara e de outras areas que precisam desse dialogo e elas têm contato com nossa associação Nao representam todas as mulheres de sua determinada area e isso e bom porque e dificil representar todas elas Por que bom? Porque durante decadas so ouvimos falar de todos os povos sovieticos esta expressão notoria Agora quando falamos em assembleias falamos como individuos e muito importante ter uma verdadeira participação pessoal e a capacidade de expressar nossos proprios interesses pessoais

TRADUÇÃO DE MARCOS SANTARRITA